

## UMA BREVE HISTÓRIA DA GEOGRAFIA DOS ESPAÇOS: A RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE AS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS E O CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO

**FELIPE SILGUEIROS SANCHES NAVARRO**

Bacharel e Licenciado em Geografia (UCDB), Especialista em Educação Ambiental e Espaço Educadores Sustentáveis (UFMS) e Mestre em Geografia (UFMS)<sup>1</sup>

[felipe.silgueiros.navarro@gmail.com](mailto:felipe.silgueiros.navarro@gmail.com)

**MINÉIA MARTINS CRISTALDO**

Bacharel e Licenciada em Geografia e Especialista em Educação Ambiental e Espaço Educadores Sustentáveis (UFMS), Mestranda em Geografia (UFMS), Assistente de Alunos do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Aquidauana <sup>1</sup>

[mineia.patricia@hotmail.com](mailto:mineia.patricia@hotmail.com)

**TATIANE APARECIDA BORGES**

Bacharel e Licenciada em Geografia (UFMS), Especialista em Educação Ambiental e Espaço Educadores Sustentáveis (UFMS), Mestra em Geografia (UFMS), Professora de Geografia e Coordenadora Pedagógica pela SED/MS<sup>2</sup>

[borges.t.a.1985@gmail.com](mailto:borges.t.a.1985@gmail.com)

**RESUMO:** O artigo tem por finalidade de apresentar a relação histórica entre as vertentes da geografia e suas concepções acerca do espaço geográfico. Esta categoria de análise por muito tempo sofreu mudanças para poder se adaptar a cada abordagem geográfica, desse modo, a definição do que é o espaço geográfico vai mudando de acordo sobre o modo como se pensa a respeito do que é geografia. Nesse sentido, a multifacetidade do espaço geográfico é consequência de desdobramentos filosóficos e científicos de cada vertente geográfica, e que pelo esforço de traduzir essas mudanças pela via de uma história da geografia, pode ser então demarcado temporalmente desde a fundação da geografia como ciência moderna no século XIX, na sua concepção dialético histórico-materialista e até na geografia física com a teoria dos geossistemas.

**Palavras-chave:** Espaço Geográfico; Abordagens Geográficas; Pensamento Geográfico.

## A BRIEF HISTORY OF THE GEOGRAPHY OF SPACES: THE HISTORICAL RELATIONSHIP BETWEEN GEOGRAPHICAL APPROACHES AND THE CONCEPT OF GEOGRAPHICAL SPACE

**ABSTRACT:** The article aims to present the historical relationship between the aspects of geography and their conceptions about geographic space. This category of analysis for a long time has undergone changes in order to adapt to each geographical approach, thus, the definition of what geographical space is changes according to the way one thinks about what geography is. In this sense, the multifaceted nature of geographic space is a consequence of philosophical and scientific developments in each geographic area and that, through the effort to translate these changes through a history of geography, it can then be temporally demarcated from the foundation of geography as a modern science in the 19th century, in its historical-materialist dialectical conception and even in physical geography with the theory of geosystems.

**Keywords:** Geographic space; Geographical Approaches; Geographical Thinking.

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: Rua Dante Nascimento, nº 452 J – Vila Cidade Nova, CEP: 79200-000, Aquidauana, MS - Brasil.

<sup>2</sup> Endereço para correspondência: Rua Carlito Leite, nº 642 – Vila São Pedro, CEP: 79200-000, Aquidauana, MS - Brasil.

## BREVE HISTORIA DE LA GEOGRAFÍA DE LOS ESPACIOS: LA RELACIÓN HISTÓRICA ENTRE ENFOQUES GEOGRÁFICOS Y EL CONCEPTO DE ESPACIO GEOGRÁFICO

**RESUMEN:** El artículo tiene como objetivo presentar la relación histórica entre los aspectos de la geografía y sus concepciones sobre el espacio geográfico. Esta categoría de análisis durante mucho tiempo ha sufrido cambios para adaptarse a cada enfoque geográfico, así, la definición de lo que es el espacio geográfico cambia según la forma de pensar sobre lo que es la geografía. En este sentido, la multifacética del espacio geográfico es una consecuencia de los desarrollos filosóficos y científicos de cada vertiente geográfica y que, a través del esfuerzo por traducir estos cambios a través de una historia de la geografía, puede luego ser demarcado temporalmente desde la fundación de la geografía como la ciencia en el siglo XIX, en su concepción dialéctica histórico-materialista e incluso en la geografía física con la teoría de los geosistemas.

**Palabras clave:** Espacio geográfico; Enfoques geográficos; Pensamiento geográfico.

### DETERMINISMO E POSSIBILISMO GEOGRÁFICO

A ciência geográfica nem de longe é um termo acabado e unânime, principalmente quando se trata de seu objeto de estudo devido as suas variadas definições. A geografia e sua história como ciência, estabeleceu diversos conceitos sobre o que é a geografia e espaço geográfico, criando assim abordagens distintas em torno do tema, nesse sentido, quanto mais se procura raciocinar sobre a ontologia da geografia, mais emergem conceitos de geografia e de espaço de acordo com as circunstâncias de cada linha de pesquisa ou de pensamento.

Seguindo esse contexto, Santos (1988, p. 09) afirma que:

[...] existem tantas geografias quanto geógrafos ou quando reconhecemos, com H. Lefèbvre (1974, p. 15) que "os escritos especializados informam seus leitores sobre todos os tipos de espaços precisamente especializados (...) haveria uma multiplicidade indefinida de espaços: geográficos, econômicos, demográficos, sociológicos, ecológicos, comerciais, nacionais, continentais, mundiais". Y. Lacoste (1981, p. 152) sintetiza até certo ponto esses dois pontos de vista ao escrever: "De fato, existem tantas concepções do 'espaço geográfico' ou do 'espaço social' quanto tendências 'de escolas' em geografia, sociologia ou etnologia [...]"

Nesta mesma perspectiva, Moraes reflete a respeito desta multiplicidade de conceitos presentes na disciplina.

Aparentemente é bastante simples, porém refere-se a um campo do conhecimento científico, onde reina enorme polêmica. Apesar da antiguidade o uso do rótulo da Geografia, que foi mesmo incorporado ao vocabulário cotidiano (qualquer pessoa poderia dar explicação sobre seu significado), em termos científicos há uma intensa controvérsia sobre a matéria tratada por esta disciplina. Isto se manifesta na indefinição do objeto desta ciência, ou melhor, nas múltiplas definições que lhe são atribuídas. (MORAES, 2003, p. 03)

Portanto, a multiplicidade de abordagens em torno do que é geografia, em paralelo resultava em definições variadas do conceito de espaço geográfico, esta tendência em conceber tais significados dentro de tal disciplina é percebido desde a sua fundação como ciência moderna. De acordo com Corrêa (2000), no final do século XIX emerge duas correntes do pensamento geográfico que foram responsáveis pela fundação da geografia como ciência

moderna, sendo o determinismo geográfico da escola alemã e o possibilismo geográfico da escola francesa, a exemplo do determinismo geográfico concebido por Ratzel, o espaço geográfico era entendido como uma categoria indispensável para o plano do desenvolvimento das necessidades humanas, desse modo para Ratzel, o espaço geográfico e suas condições físico-naturais determinava de forma incondicional ou até mesmo absoluta o meio de vida das populações ou das comunidades humanas e assim influenciando o tipo de comportamento e a cultura das sociedades seja ela de maneira negativa ou positiva, é por este motivo que este pensamento da escola alemã promovia a ideia de um determinismo ambiental e geográfico, contudo tal abordagem foi designado o termo “espaço vital” para esta corrente de pensamento na geografia.

De acordo com Gomes (1997), em reação ao enfoque da escola determinista de Ratzel, a escola francesa de geografia que teve como seu maior expoente o geógrafo Paul Vidal de La Blache, apresenta o possibilismo geográfico onde ao contrário do determinismo confere a noção de que as relações entre o ser humano e o meio ambiente se dão por condições relativas entre si e assim negava que o meio ambiente determinava de forma totalizante o comportamento humano, no possibilismo, foi dado maior importância no estudo da região onde as comunidades são descritas conforme suas ações, tradições e comportamento em detrimento das condições naturais, dessa forma, a descrição empírica do espaço geográfico no modelo regional como forma de recorte espacial demonstrava de alguma forma as particularidades e as diferenças de cada povo ou comunidade, compreendendo assim na ideia de causalidade do meio geográfico perante tais diferenças a nível socioambiental, de acordo com este raciocínio, a lógica da relação entre sociedade e o meio ambiente era ordenado a partir de uma espécie de lei da relatividade da qual concebia um espaço geográfico diverso e dinâmico, e que de alguma forma tentava apresentar um teor de legitimidade no campo das possibilidades.

## **A NOÇÃO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO EM HARTSHORNE E NA GEOGRAFIA TEORÉTICO-QUANTITATIVA**

Durante a primeira metade do século XX, na década de 1930, Hartshorne afirma que o conceito de espaço geográfico é entendido como uma dimensão que possui valor absoluto de si mesmo, o que compreenderia este conceito a nível de uma categoria universal, o que tal autor quer dizer, é que o espaço geográfico estaria inserido permanentemente na condição de uma categoria A Priori, ou seja, trata-se de uma concepção kantiana na qual o espaço em si não precisa existir por meio da experiência humana sensível e que assim todos os fenômenos presentes nesta categoria estariam dispersos como conteúdo e forma e assim poderiam ser estudados, mensurados e enumerados pela experiência humana, desse modo, o espaço para Hartshorne é definido como uma dimensão que sempre existiu independentemente da existência humana, e que portanto tal categoria serve apenas para agregar os fenômenos sociais e ambientais e assim permitir a funcionalidade destes. A partir desta máxima kantiana presente na ideia de espaço em Hartshorne, logo é possível pensar em um espaço sem matéria e fenômeno, no entanto, é impossível de modo contrário conceber a existência da matéria e do fenômeno sem a presença do espaço.

Seguindo este contexto, de acordo com Hartshorne (1939, p. 395, apud Corrêa, 2000, p. 19), o espaço é entendido aqui por ele no sentido de área em que:

[...] é somente um quadro intelectual do fenômeno, um conceito abstrato que não existe em realidade (...) a área, em si própria, está relacionada aos fenômenos dentro dela, somente naquilo que ela os contém em tais e tais localizações.

Conforme Corrêa (2000), em paralelo a esta proposta de espaço geográfico de Hartshorne, no início da década de 1950 houve uma relevante transformação na geografia através da revolução teórico-quantitativa (ou geografia quantitativa) ocorrida nos meios acadêmicos dos Estados Unidos e na Inglaterra, enquanto que para Hartshorne o espaço é

definido como uma dimensão que agrega os fenômenos socioambientais, resta então descrever e quantificá-los na forma de dados espaciais, dessa forma, a geografia teórico-quantitativa se propõem a explorar e analisar esta lacuna Hartshorneana que acaba por reproduzir de forma bem similar o modelo europeu de geografia descritiva que já era exportada desde o início do século XX como o padrão tradicional de ensino-pesquisa daquele período, no entanto, vale ressaltar que a geografia quantitativa tem por objetivo de apresentar uma análise mais precisa dos dados espaciais por meio de uma linguagem matemático-estatística como forma de garantir uma melhor precisão na classificação e registro dos fenômenos sociais e ambientais, desse modo, tal abordagem geográfica recorre a vários tipos de recortes espaciais conforme a aplicação do modelo matemático, não é à toa, que é frequente a presença de termos, conceitos e princípios tais como banco de dados espaciais, acurácia e estatística nos padrões de pesquisa na geografia quantitativa.

No entanto, assim como as outras correntes do pensamento geográfico, a geografia quantitativa também apresentava o seu próprio conceito de espaço geográfico, e assim foi criado pelos geógrafos quantitativos a noção de planície isotrópica, a premissa desta noção funcionava da seguinte forma, o espaço seria analisado sempre a partir da esfera do comum para depois atingir a esfera daquilo que é particular, ou seja, através de um recorte espacial, o ponto de partida era presumir a homogeneidade do espaço para assim depois compreender a diferenciação espacial, porém, a diferenciação do resultado do recorte espacial ou dos ditos espaços geográficos de um local para o outro, era feito a partir das suas circunstâncias econômicas da qual se encontravam, portanto, de um certo modo a geografia quantitativa prestava um serviço a favor da atividade capitalista na qual se analisava as inúmeras variáveis da paisagem geográfica como relevo, solos, vegetação, atividades econômicas, uso e ocupação humana, logo então, coletados estes dados, os recortes espaciais de cada área estudada eram diferenciadas conforme o seu nível de rendimento ou valor econômico e comercial.

Nesta perspectiva de acordo com Corrêa (2000, p. 21):

Sobre esta planície de lugares iguais desenvolvem-se ações e mecanismos econômicos que levam à diferenciação do espaço. Assim o ponto de partida é a homogeneidade, enquanto o ponto de chegada é a diferenciação espacial que é vista como expressando um equilíbrio espacial.

Posteriormente, a geografia teórico-quantitativa sofreu duras críticas negativas com relação às suas limitações no campo do entendimento e solução dos problemas espaciais, pois se mensurava e quantificava os fenômenos, no entanto, não tinha o compromisso de apontar os meios de intervir ou resolver determinados paradigmas presentes nas informações espaciais. Entretanto, é perceptível a influência da geografia quantitativa na atualidade, principalmente no campo da geografia física onde o espaço geográfico é comumente analisado por meio de um banco de dados geográficos (GIS) e assim representados pela cartografia temática, portanto, de algum modo o método quantitativo por assim dizer, permanece no meio do saber geográfico atual, mesmo depois das duras críticas recebidas principalmente por geógrafos marxistas.

## **GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA E O CONCEITO DE ESPAÇO VIVIDO A PARTIR DA PERCEPÇÃO**

Diferentemente das propostas espaço-materialistas que têm dominado boa parte da cena de debate da geografia e sobretudo ao conceito de espaço geográfico, Merleau-Ponty em sua obra Fenomenologia da Percepção, publicada em 1945, propõem uma abordagem filosófica que se difere dos demais métodos fundamentados na linha positivista-cartesiano, a chamada geografia fenomenológica é um reflexo dos desdobramentos teóricos deste filósofo francês, de uma maneira geral, a proposta da perspectiva geográfica fenomenológica é de que o espaço em si fundamenta-se a partir do aprendizado, da experiência e das realizações de cada ser humano em seu meio de vivência, nesse sentido, o sentimento de espaço vivido é nítido nesta

abordagem, na qual reforça que o sentido das coisas e dos fenômenos está se consolidando e repercutindo incessantemente em nós mesmos, ou seja, o cotidiano se evidencia como o plano contínuo das experiências vividas no espaço-tempo em cada indivíduo no meio em que vive. Com base neste argumento, Merleau-Ponty afirma que o próprio espaço não é algo que está exterior aos indivíduos, mas que na verdade tal conceito reside em nós mesmos, portanto para Merleau-Ponty, o espaço são formas da percepção humana consolidadas a partir da experiência.

Para Pereira, Correia e Oliveira (2010, p. 02) destaca que:

Na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty procura superar problemas cruciais do Empirismo e do Racionalismo que orientam a Filosofia Moderna. Avança no sentido de resgatar a nossa experiência tal e qual do mundo, ou seja, a experiência vivida no espaço e no tempo, tudo aquilo que foi desconsiderado pelo racionalismo de base cartesiana. O filósofo apresenta a consciência como algo atravessado pela intencionalidade, resultante da integração do sujeito a determinadas vivências, todo um processo encarnado pela subjetividade. Em face disso, a Filosofia não pode impor formulas regras ou dogmas para a compreensão do mundo, mas sim levar-nos a uma percepção apurada do mundo.

Esta premissa de Merleau-Ponty acerca da importância da percepção para a construção do entendimento espacial do indivíduo é bem similar quando o geógrafo Milton Santos (1996, p. 218) exprime sobre a dimensão espacial do cotidiano, da qual designa de quinta dimensão, que é o lugar onde as múltiplas formas de coexistências entre indivíduos se fundem gerando realidades e vivências diversas sobre um mesmo espaço vivido por uma sociedade.

## **GEOGRAFIA CRÍTICA E A NOÇÃO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO SÍNTESE DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO**

Em oposição a geografia teórico-quantitativa, na década de 1970 a geografia crítica se estabelece como uma alternativa para o entendimento do espaço geográfico como categoria de (re)produção das atividades humanas. Fundado na academia francesa e tendo como expoente principal o geógrafo Yves Lacoste, esta corrente foi profundamente influenciado pela teoria marxista, onde por algum tempo o conceito de espaço foi debatido por geógrafos sobre qual era a compreensão de tal categoria para a teoria marxista, dentre as discussões, buscava-se responder se o conceito era ou não devidamente negligenciada nos textos marxistas. Seguindo esse contexto, de acordo com Corrêa (2000, p. 24):

O negligenciamento da dimensão espacial no marxismo ocidental é discutido por SOJA e HADJIMICHALIS (1979) e retomado mais tarde por SOJA (1993). Segundo estes autores, os marxistas tinham abordado o espaço de modo semelhante àquele das ciências burguesas, considerando-o como um receptáculo ou como um espelho externo da sociedade.

A partir do critério teórico da geografia crítica, se estabelece uma concepção de espaço geográfico a partir do princípio filosófico do materialismo-histórico e dialético de Marx e Engels, da qual firma-se no processo dinâmico de dualidade/antagonismo entre o ser humano e o meio material, com isso, justifica-se que o espaço geográfico é derivado das ações humanas em detrimento com os elementos naturais e que assim são definidas na ordem do espaço-tempo de forma recíprocas e ininterruptas, portanto, da relação entre o ser humano e o meio material em que vive, resulta na síntese-dialética que é o espaço geográfico, nesse sentido, o esforço historicista presente no marxismo validaria a ideia de um sujeito não somente histórico mas como também geográfico que então possui a capacidade de se emancipar e se projetar em uma dualidade espaço-temporal.

A partir desse contexto, Rodrigues e Soares (2009, p. 11) afirmam que:

Marx e Engels se apropriam de tais ideias de forma crítica, passando a conceber o homem como possuidor de um caráter social, que mantém relação ativa com a natureza, através do processo histórico de mediação com a mesma, via trabalho. Daí a afirmação de que o homem é um ser ativo e ao modificar a natureza fora de si modifica ao mesmo tempo sua própria natureza, estando nestas afirmações explícito o movimento histórico e dialético proposto por Marx e Engels.

Foi a partir desta corrente geográfica que estabeleceu conceitos como produção e organização do espaço geográfico, já que as atividades humanas ganham destaque para determinar os meios de modificação e ampliação do espaço efetuadas via ação humana. Portanto, de acordo com Corrêa (2000, p. 25):

O espaço também não é um instrumento político, um campo de ações de um indivíduo ou grupo, ligado ao processo de reprodução da força de trabalho através do consumo. Segundo Lefévre, o espaço é mais do que isto. Engloba esta concepção e a ultrapassa. O espaço é o locus da reprodução das relações sociais de produção.

Nesse sentido, a geografia crítica tem por finalidade de demonstrar os meios de produção do capitalismo e o seu impacto sobre as sociedades, tendo em vista também a análise da repercussão de tais atividades na estrutura da organização espacial das sociedades, e desse modo, tais ações implicam na ampliação, modificação e modernização do espaço geográfico.

## **A TEORIA DOS GEOSISTEMAS E O ESPAÇO GEOGRÁFICO COMPREENDIDO COMO UM SISTEMA COMPLEXO**

Levando em consideração que apesar do conceito de espaço geográfico ter sido significativamente mais explorado pela geografia humana e que assim tem dominado boa parte da ciência geográfica, há no entanto uma concepção da categoria espacial presente na geografia física proposta pela teoria dos geossistemas e que têm como seus expoentes os geógrafos Victor Sotchava, Georges Bertrand e Jean Tricart. A concepção de espaço geográfico para os geossistemas é o mais próximo que se apresenta sobre a ótica socioambiental, pois tal proposta tenta nivelar os aspectos físico-biológicos em detrimento com as atividades humanas segundo uma dinâmica de equilíbrio ecodinâmico. Tendo sido influenciado e criado a partir dos paradigmas da teoria davisiana, dos desdobramentos ocorridos pelo simpósio de Chicago (1939), pela escola de geomorfologia alemã e como também pela teoria dos sistemas de Bertalanffy (Cassetti, 2005), o geossistema segundo Neves et. Al (2013) afirma que compreende na noção de que os elementos da paisagem estão integrados em uma complexa rede de inter-relações na qual compartilham um fluxo constante de energia e matéria de forma integrada em um ambiente terrestre, nesse sentido, a dinâmica ambiental assim como as atividades e os elementos culturais humanos estão particularmente interligados entre diversas redes e que assim criam meios sistêmicos complexos na superfície terrestre.

Portanto, o espaço geográfico nos geossistemas deve apresentar três variáveis espaciais que assim devem se inter-relacionar de forma conjunta para organizar um sistema complexo, estas três são: os meios ecossistêmicos caracterizados pela fauna e flora; as propriedades geológico-estruturais e os fenômenos climáticos; as sociedades humanas e suas tecnologias.

Desse modo, conforme Neves et. al. (2013, p. 275):

[...] evidencia a separação entre as esferas da natureza e da sociedade, visto que as escalas de tempo entre elas são distintas. Destaca-se ainda, que as unidades geossistêmicas delimitadas são reflexos dos processos de elementos estruturais da natureza e da sociedade que desempenham determinadas funções na dinâmica do meio ambiente,

onde a união desses geossistemas evidencia a realidade complexa formada por atributos sociais e naturais.

Neste contexto, a paisagem terrestre é articulada conforme a noção da geotopologia do recorte espacial expressando assim as conexões sistêmicas entre as variáveis físico-biológicas com as atividades humanas, tal compreensão tem por objetivo de assegurar a noção de que o espaço geográfico resulta a partir da dinâmica natural de interdependência entre os elementos ou variáveis que integram um sistema complexo na superfície terrestre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças das abordagens geográficas assim como as redefinições de conceitos epistemológicos podem ser entendidas como um processo comum e rotineiro no meio acadêmico e científico, pois tal dinamismo é entendido sobre a perspectiva das revoluções científicas, nesse sentido, outras disciplinas e ciências também possuem suas mudanças estruturais de conhecimento, e que assim possuem a finalidade de superar os paradigmas científicos, portanto, o que deve ser entendido é que pensadores e pesquisadores exprimem inquietação para resolver um paradigma ou lacunas ainda não respondidas, o que é um procedimento habitual dentro do círculo da atividade científica.

No entanto, é notório compreender historicamente que grande parte das escolas geográficas tenham recebido influências filosóficas e científicas das mais diversas vertentes do conhecimento, a exemplo do determinismo geográfico de Ratzel que em sua época, o determinismo filosófico era bem influente nas áreas da sociologia, antropologia e na biologia, tanto que o próprio eurocentrismo e o colonialismo do século XIX eram legitimados via este tipo de pensamento. A geografia teórico-quantitativo tem suas premissas baseadas no positivismo lógico do círculo de Viena e em partes pelo pragmatismo filosófico estadunidense, no entanto, a forma de trabalhar os dados espaciais como informação numérica tinha o intuito de aproximar a geografia com as ciências exatas, tentando assim conferir para a geografia o status de ciência de “precisão”. Logo, a geografia crítica, já assume uma postura marxista com o intuito de analisar e explicar o sistema capitalista na qual envolve o entendimento da relação entre as atividades humanas, os meios de produção e as formas de apropriação dos recursos naturais.

Nesse sentido, entende-se que a geografia se apropria de outras áreas do conhecimento humano, adotando assim teorias e metodologias de ciências afins com o objetivo de reproduzir um conhecimento geográfico específico, ou seja, apresentar as múltiplas “geografias” que se encontram nos diversos espectros da realidade humana, desse modo, diante de tal complexidade, estas “geografias” possuem o objetivo de oferecer um novo ponto de vista ou de entendimento sob uma determinada área do conhecimento humano que apenas pela ótica geográfica poderia explicar.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um Conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org). **Geografia: Conceitos e Temas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 17-47.

MORAES, A. C. R. **Geografia pequena história crítica**. 20ª edição. Editora: Annablume, 2003.

CASSETI, Valter. **Geomorfologia**. [S.l.]: [2005].

CASTRO, I. E. De. GOMES, P. C. da C., CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.

GOMES, Paulo César da Costa. Geografia fin-de-siècle: O discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.13-39.

NEVES, Carlos Eduardo das, et Al. **A Importância dos Geossistemas na pesquisa Geográfica: uma Análise a partir da correlação com o Ecossistema**. Soc. & Nat. Uberlândia - 03/12/2013.

PEREIRA, L. A. G.; CORREIA, I. S.; DE OLIVEIRA, A. P. de. **Geografia Fenomenológica: Espaço e Percepção**. Caminhos de Geografia Uberlândia v. 11, n. 35. p. 173 – 178. Set/2010.

QUEIROZ, D. de C. **As praças de Aquidauana: lugares que reflete os cotidianos sociais da cidade**. Dissertação, 2009.

RODRIGUES, I. S.; SOARES, J. J. **Influência do Materialismo Histórico e Dialético na Geografia: Debates Acadêmicos e suas Perspectivas para a Educação Básica**. 10<sup>o</sup> Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 1<sup>a</sup> ed. Editora Hucitec, São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço**. Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

**Recebido em:** 01/08/2022.

**Aprovado para publicação em:** 20/06/2023.